

UM CAMPO MINADO: AFRICANIDADES E SOCIOLOGIA EM UMA EEEP DE FORTALEZA

Jória Ane Lima Batista Almeida

INTRODUÇÃO

Este trabalho é reflexo de uma pesquisa em desenvolvimento¹ sobre um projeto interdisciplinar centrado nas relações étnico-raciais a partir da valorização das africanidades criado numa EEEP² da cidade de Fortaleza. A pesquisa visa entender as contribuições dadas pela Sociologia à compreensão das relações étnico-raciais³ e africanidades a partir do projeto elucidando as relações conflituosas entre esta prática e o ideal educacional baseado na profissionalização e em uma educação bancária (FREIRE, 1996), elementos observados no contexto pesquisado e que o caracteriza como um campo minado para ações como tal projeto interdisciplinar.

Fazenda, Varella e Almeida (2013) caracterizam a interdisciplinaridade pela intensidade das trocas entre os especialistas e pelo grau de integração real das disciplinas no interior de um mesmo projeto de pesquisa. Complemento que a autonomia dos discentes, inspirada por Paulo Freire (2002), é elemento prioritário nesta intervenção visto que as necessidades partiram das observações do cotidiano estudantil, dos diálogos nas aulas e as sugestões e

1 Pesquisa selecionada para o mestrado ProfSocio Universidade Federal do Ceará – 2020.

2 Escola Estadual de Educação Profissional.

3 Relações estabelecidas entre descendentes de africanos, de europeus, de asiáticos, e povos indígenas. (Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, 2004)

engajamento dos estudantes foram cruciais para a construção da proposta como também para sua inicial execução no ano de 2019.

Neste sentido o projeto interdisciplinar busca visibilizar as culturas juvenis negras, em especial as experiências e potencialidades das mulheres negras no Brasil, a partir de vivências, oficinas e aulas sobre Slam, Estética Negra, Música, entre outros, além de proporcionar momentos de estudo, reflexão e apresentações sobre autoras e personalidades negras brasileiras nas aulas de Sociologia como também no percurso do projeto interdisciplinar. Busca-se, na proposta, entender os jovens estudantes:

A juventude constitui um momento determinado, mas que não se reduz a uma passagem. Ela assume uma importância em si mesma como um momento de exercício de inserção social. Nesse, o indivíduo vai se descobrindo e descortinando as possibilidades em todas as instâncias de sua vida, desde a dimensão afetiva até a profissional. Essa realidade ganha contornos próprios em contextos históricos, sociais e culturais distintos. As distintas condições sociais (origem de classe e cor da pele, por exemplo), a diversidade cultural (as identidades culturais e religiosas, os diferentes valores familiares etc.), a diversidade de gênero (a heterossexualidade, a homossexualidade, a transexualidade, por exemplo) e até mesmo as diferenças territoriais se articulam para a constituição dos diferentes modos de vivenciar a juventude. (DAYRELL E CARRANO, 2014, p. 113)

Aspectos citados por Dayrell e Carrano (2014, pág. 113) são cruciais e interrelacionam-se para a compreensão das relações estabelecidas entre os jovens discentes e, especificamente, devem nortear as práticas docentes: as condições sociais e a diversidade cultural. A partir das aulas de Sociologia, dos diálogos com os estudantes e professores, inquietações foram afloradas diante da constatação de discursos e práticas que tentam silenciar ou negar as condições juvenis negras. Isto se expressa em diversas dimensões, especialmente no discurso de meritocracia que rege a instituição e que é internalizado por vários discentes. Segundo dicionário de Sociologia meritocracia é:

Um sistema social no qual o sucesso do indivíduo depende principalmente de seu mérito – de seus talentos, habilidades e esforço. A ideia de meritocracia tem servido como ideologia, baseada no argumento de que a desigualdade social resulta de mérito desigual, e não de preconceito, discriminação e opressão. (...) Argumentam os críticos que séculos de desigualdade e opressão social colocaram as minorias raciais e classes baixas em situação inerentemente desprivilegiada. (...) Além disso a definição de talento e capacidade é viesada em favor de grupos privilegiados que estabelecem padrões que refletem a si mesmos e seus interesses e meios formativos. (JOHNSON, 1997, p. 146)

O discurso meritocrático colabora para invisibilização das diversidades juvenis negras já que entende que todos os discentes partem das mesmas vivências e oportunidades, como também são os únicos responsáveis pelo êxito ou fracasso escolar.

O fracasso escolar está vinculado diretamente ao rendimento nas avaliações quantitativas bem como ao perfil comportamental do discente. Ao passo que este é considerado indisciplinado é visto, em muitas situações, como inapto para permanecer na Escola. Foucault (1987) nos esclarece que a instituição escolar como uma instituição de controle promove a docilização dos corpos. Para os corpos resistentes à docilização nas Escolas Profissionais aplicam-se atos disciplinares que findam, em diversas situações, na transferência de alguns estudantes para instituições de ensino regular. Joice Berth (2019) nos esclarece:

Foucault salienta que as relações de poder das instituições, escolas e prisões são marcadas pela disciplina. Nesse sentido, fará a discussão sobre biopolítica e biopoder, de como os corpos e a educação são controlados por essa imposição normatizadora. Segundo o filósofo, a disciplina fabrica indivíduos, é uma técnica específica de poder que os domina. Segundo sua análise, enquanto o sujeito é colocado em relações de produção e de significação, é também, desse mesmo modo, colocado em relações de poder. (BERTH, pág. 18, 2019)

É importante salientar que os corpos juvenis negros são sistematicamente observados na Escola: os cabelos crespos, cacheados, as tonalidades dos cabelos, os turbantes, os brincos, os bonés, os artefatos de religiões de matriz afro-brasileira. É perceptível que tais expressões corporais e culturais somadas à questão racial são temas de preocupação por parte dos educadores da instituição que leem estes aspectos das juventudes em geral e especialmente das juventudes negras estudantis como tentativas de descumprimento do padrão de fardamento e estética esperados pelo tão aclamado aluno de escola profissional.

Carla Akotirene (2019) nos proporciona reflexão apurada sobre este fenômeno: O maior recurso colonial da eurocivilização consiste em priorizar o corpo, ignorar ferimentos que tendem a complexificar rapidamente, enquanto diagnosticam, às pressas, o problema “negro,” das “lésbicas,” de “gênero,” dos “latino-americanos”. (AKOTIRENE, 2019, pág. 16). No sentido exposto por Carla Akotirene (2019) é preciso olhar para todas as dimensões que são subjugadas pelo colonialismo. E, ao recorrer a esta autora, percebo que os dialetos juvenis negros, suas músicas, seus bairros e agrupamentos são também objeto de análise e coação na referida instituição. O pretuguês (GONZALES, 1988), por exemplo, não é assumido.

Lélia Gonzáles (1988) afirma que o racismo à brasileira têm suas artimanhas. Uma delas é o mito da democracia racial. Se, para o discurso dominante, brancos e negros tem as mesmas condições sociais de existência é importante homogeneizar os corpos numa tentativa de provar a suposta ideia de igualdade: alunos da mesma instituição de ensino, uniformizados e de forma similar caracterizados culturalmente.

Primando por analisar antropológica e psicologicamente o racismo à brasileira Gonzáles (1988) afirma que somos ladino-amefricanos. A autora elabora a ideia de Amefricanidade a partir da presença africana no Brasil em sua formação política, histórica e cultural. Segundo a autora a Amefricanidade: “incorpora todo um processo histórico de intensa dinâmica cultural (adaptação, resistência, reinterpretação e criação de novas formas)” (GONZALEZ, 1988, p.76), porém a autora salienta:

Para um bom entendimento das artimanhas do racismo acima caracterizado, vale a pena recordar a categoria freudiana de denegação “processo pelo qual o indivíduo embora formulando um de seus desejos, pensamentos ou sentimentos, até aí recalcado, continua a defender-se dele, negando que lhe pertença” (LAPLANCE e PONTALIS, 1970). Enquanto denegação de nossa ladinoamefricanidade, o racismo à brasileira se volta justamente contra aqueles que são o testemunho vivo da mesma (os negros), ao mesmo tempo que diz não o fazer (“democracia racial” brasileira). (GONZALEZ, 1988, p.69)

Não é coincidência, portanto, que os estudantes negros, em especial, as estudantes negras, sejam alvo de análises sistematizadas de seu comportamento e estética dentro da instituição de ensino. Vale salientar que as professoras negras também sofrem com piadas sobre seus cabelos, suas vestimentas e comportamentos.

Diante da constatação de tentativa de docilização dos corpos negros e silenciamento da diversidade juvenil e negra, fenômeno estrutural no Brasil, é preciso, segundo Kabengele Munanga:

[...] mostrar que a diversidade não constitui um fator de superioridade e inferioridade entre os grupos humanos, mas sim, ao contrário, um fator de complementaridade e de enriquecimento da humanidade em geral; e por outro lado, em ajudar o aluno discriminado para que ele possa assumir com orgulho e dignidade os atributos de sua diferença, sobretudo quando esta foi negativamente introjetada em detrimento de sua própria natureza humana. (MUNANGA, 2005, p. 15)

A proposta de pesquisa tem como objetivo geral analisar as contribuições da Sociologia em proposta interdisciplinar de valorização das africanidades brasileiras no contexto de EEEP em Fortaleza. Tem como objetivos específicos: Entender as relações étnico-raciais do contexto e as possíveis ressignificações dadas as africanidades brasileiras pelos jovens estudantes diante de iniciativas de enaltecimento destas; analisar os discursos dissonantes que iniciam na tentativa de desqualificação das Ciências Humanas no âmbito nacional encontrando-se latentes no contexto estudado e que culminam na tentativa de negação e silenciamento de propostas voltadas às

diversidades juvenis; Propor práticas de ensino para além da sala de aula que se efetivem na promoção do reconhecimento destas africanidades brasileiras e que se tornem permanentes no calendário letivo. Kabengele Munanga (2008) em entrevista a TV Escola esclarece que:

A palavra africanidades está praticamente na boca de todas as pessoas conscientes. Porque, afinal, o que são africanidades? Africanidades não é nada mais que a resistência da cultura africana. Toda a cultura africana, que foi reprimida aqui, resistiu. Contribuiu na formação da identidade brasileira. No modelo de comportamento brasileiro. Essa africanidade está na cultura e na própria Língua Portuguesa falada no Brasil. Essa africanidade, que está na religião, que está na cultura, que está no nosso próprio corpo, que está nos esportes – como a capoeira e tantos outros –, que está nas artes plásticas, esses são os valores africanos. (MUNANGA, 2008)

Neste sentido entende-se as africanidades brasileiras como formas de ver o mundo próprias dos descendentes de africanos e que estão presentes em dimensões como o trabalho, artes, linguagens, Ciências etc. Silva (2005) afirma que estudar as africanidades brasileiras é tomar conhecimento deste legado afro-brasileiro percebendo e valorizando a criatividade destes na construção do país. Para isso é preciso aflorar a memória buscando em nosso cotidiano essas contribuições tão fundamentais, mas ideologicamente encobertas pelo colonialismo latente. Gonzalez (1984) nos proporciona esta análise crítica ao perceber que a memória é capaz de romper com a consciência dominada pelo mito da democracia racial.

DESENVOLVIMENTO (APORTE TEÓRICO-METODOLÓGICO, RESULTADOS E REFLEXÃO)

O projeto interdisciplinar Africanidades, objeto de estudo deste trabalho, têm como lócus, o qual identifico como campo minado, uma Escola Estadual de Educação Profissional, conhecida de forma estadual pela sigla EEEP, situada na cidade de Fortaleza. A instituição está localizada em uma região da capital do Estado do Ceará

permeada por bairros pobres. Temos estudantes advindos em geral dos bairros Ellery, Monte Castelo e Antônio Bezerra.

Busco, a partir de uma pesquisa qualitativa sobre o projeto de intervenção, metodologia que caracterizo como ativa, lidar com o universo dos significados, aspirações, motivos, atitudes, crenças e valores, abrangendo assim áreas mais profundas das relações, processos e fenômenos (MINAYO, 2007). Desta forma busco aprofundar a proposta e disseminá-la a partir das publicações do trabalho realizado.

Minha chegada à escola em 2019 despertou várias inquietações pessoais que se desdobraram em questões de pesquisa. “[...] eu fui afetada em uma experiência de vida que depois se tornou pergunta e inquietação e se articulou na atual pesquisa.” (ETAYO, 2010). Nas primeiras aulas de Sociologia, momentos nos quais tento conhecer os alunos a partir de debates sobre temas e conceitos sociológicos, percebi um forte engajamento de algumas jovens em movimentos estudantis, outros com posicionamento radicalmente liberal, alguns bem silentes, outros reclamando que a escola é tediosa e cansativa. Muitos estudantes à espera do estágio supervisionado do 3º ano⁴.

Colegas de profissão alertavam sobre algumas turmas: “Brincam demais”, “Não querem nada com a vida”. Bell hooks (2017), a partir de sua própria história de vida estudantil, analisa os significados de estar em instituições de ensino básico classistas e, por conseguinte, racistas e machistas. Ao passo que os professores se afastam das vivências juvenis, a prática docente perde significado e se torna enfadonha e descontextualizada.

Primando pelo oposto, a partir da construção de aprendizagens significativas, busquei dos estudantes participações, questionamentos sobre nossas vidas, inclusive partindo da minha vivência, como mulher negra, implicando-me e buscando relações possíveis entre minha história de vida e a deles.

Rapidamente tornei-me para alguns colegas professores “a professora que passa a mão na cabeça dos alunos”, a “dos Direitos

4 No segundo semestre do 3º ano os estudantes estagiam em empresas relacionadas às áreas de formação profissional destes: Informática, Contabilidade, Design de Interiores e Administração. Os estudantes ganham bolsa equivalente aos dias estagiados.

Humanos”, a que trabalha gênero ou “ideologia de gênero” e fala de política, a da “luta”, esta última definição em referência ao engajamento em movimentos sociais. Resumidamente, uma professora perigosa para o status quo.

As Ciências Humanas vem passando por um processo de tentativa de invisibilização, aguçado com a emergência de governos com orientação de direita. Esse campo minado desdobra-se no cotidiano das vivências em escolas de diferentes modos. Para entender tal complexidade é necessário perceber as singularidades do projeto educacional do Estado do Ceará popularmente conhecido como EEEPs. No site oficial do projeto educacional temos a sua definição, ano de criação e objetivos:

O Governo do Estado do Ceará, através da Secretaria da Educação (SEDUC), assumiu em 2008 o desafio de implantar a rede de educação profissional no Estado. A estratégia central foi integrar o Ensino Médio à formação profissional de nível técnico, oferecendo educação em tempo integral aos jovens cearenses. (<https://educacaoprofissional.seduc.ce.gov.br>)

O contexto de Escola Profissional no Estado do Ceará é um campo que superioriza a formação técnica em detrimento da interdependência entre os saberes necessários à formação integral, tão amplamente difundida nos discursos das políticas educacionais estaduais. Em contrapartida, por vivermos sob a égide de direitos democráticos, é possível construirmos ações que promovam a reflexão e o exercício da cidadania para além do viés burguês.

Contrastando com a visão estereotipada sobre as Ciências Humanas, especialmente sobre a professora de Sociologia por parte de alguns colegas, três mulheres compuseram, nos anos de 2019 e 2020 junto a mim, a área de Ciências Humanas na Escola. Os estudantes se aproximaram destas, alguns estranhados com a ideia de terem quatro professoras negras, feministas, em uma mesma área de conhecimento, outros aliviados por verem em nossos olhares afeto e engajamento.

As citadas professoras têm em seu histórico participação em movimentos sociais, projetos interdisciplinares e atuação política no campo educacional onde duas destas participaram de mobilizações

estaduais como greves e luta pela efetivação dos professores aprovados em Concurso Público⁵ além de participação política nos atos em apoio à democracia desde 2016. Temos elementos que ligam as trajetórias destas professoras negras a partir da interseccionalidade.

Sobre tal abordagem interseccional Carla Akotirene (2019) esclarece que: A interseccionalidade visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado – produtores de avenidas identitárias em que mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais.

Refletindo sobre a importância do núcleo de professoras na área Ciências Humanas da Escola recorro à Djamila Ribeiro (2019):

Ainda é muito comum se dizer que o feminismo negro traz cisões ou separações, quando é justamente o contrário. Ao nomear as opressões de raça, classe e gênero, entende-se a necessidade de não hierarquizar opressões, de não criar, como diz Angela Davis, em Mulheres negras na construção de uma nova utopia, “primazia de uma opressão em relação a outras”. Pensar em feminismo negro é justamente romper com a cisão criada numa sociedade desigual. Logo, é pensar projetos, novos marcos civilizatórios, para que pensemos um novo modelo de sociedade. Fora isso, é também divulgar a produção intelectual de mulheres negras, colocando-as na condição de sujeitos e seres ativos que, historicamente, vêm fazendo resistência e reexistências. (RIBEIRO, 2019, pág. 11)

Engajadas pela busca de vivências democráticas e já conscientes da interseccionalidade que se expressa em nossas histórias de vida, analisamos várias situações, depoimentos dos estudantes⁶ e

5 Concurso Público finalizado no início de 2019 contando com três destas professoras aprovadas, porém apenas efetivadas em Março de 2021 por conta da precarização docente vigente em nosso Estado.

6 Em diálogos alguns estudantes demonstravam-se interessados em estudar mais profundamente questões ligadas a gênero, classes sociais, culturas negras e africanidades.

percebemos junto a estes a falta de ações centradas nas juventudes negras que compõem a escola. Não víamos ações de valorização das culturas negras tão presentes no cenário escolar, mas nos deparávamos cotidianamente com o racismo velado das ditas brincadeiras entre os estudantes⁷, víamos o discurso meritocrático internalizado sem a necessária reflexão sobre as desigualdades raciais, de classe, gênero. O campo minado estava posto em práticas e discursos.

Na tentativa de desnaturalizar preconceitos e valores etnocêntricos, estranhar vivências que são familiares aos estudantes e que devem ser refletidas para além do senso comum como piadas racistas, criminalização da juventude negra, propusemos, depois de um longo debate nos planejamentos e nas aulas de Sociologia, um projeto interdisciplinar que pretende ser permanente. Este foi planejado com ações durante todo o segundo semestre letivo e busca valorizar as africanidades brasileiras nas juventudes estudantis do contexto. O termo africanidades brasileiras é compreendido por Silva como as:

(...) raízes da cultura brasileira que têm origem africana. Dizendo de outra forma, estamos, de um lado, nos referindo aos modos de ser, de viver, de organizar suas lutas, próprios dos negros brasileiros, e de outro lado, às marcas da cultura africana que, independentemente da origem étnica de cada brasileiro, fazem parte do seu dia-a-dia. (SILVA, 2005, pág. 156)

A pesquisadora nos alerta sobre a presença das africanidades brasileiras em instâncias imateriais da vida coletiva exemplificadas pela autora como os valores que orientam as nossas ações:

[...] estudar as Africanidades Brasileiras significa tomar conhecimento, observar, analisar um jeito peculiar de ver a vida, o mundo, o trabalho, de conviver e de lutar pela dignidade própria, bem como pela de todos descendentes de africanos, mais ainda de todos que a sociedade marginaliza. Significa também conhecer e compreender os trabalhos e criatividade dos africanos e de seus descendentes no Brasil, e de

7 Práticas definidas atualmente como bullying e que são injúrias raciais tais como apelidos direcionados aos alunos negros, gays, lésbicas entre outros.

situar tais produções na construção da nação brasileira. (SILVA, 2005, pág. 156)

Santos (2011, pág. 27), ao analisar as africanidades nas sociedades brasileiras, afirma: “Esta cultura só pode ser entendida na relação com as outras culturas brasileiras. É nesse movimento que se materializam as trocas, as significações e ressignificações que impregnam a vida de todos nós, negros e não negros”. Nosso projeto na escola visa perceber e valorizar as ressignificações dadas pelos jovens estudantes à estas africanidades. Para Kabengele Munanga (1984, pág. 5):

Africanidade não é uma concepção intelectual afastada da realidade. Ela é um conjunto dos traços culturais comuns às centenas de sociedades da África subsaariana. (...) O conteúdo da africanidade é o resultado desse duplo movimento de adaptação e de difusão. (MUNANGA, 1984a, p. 5).

Munanga (1984) colabora com a ideia de que há ressignificação e presença destes elementos que compõem as africanidades mesmo diante de um cenário de sistema escolar racista e impregnado pelo mito da democracia racial. A escola onde sou professora de Sociologia é um campo onde estas africanidades distoam do status quo, mas resistem consciente ou inconscientemente através das linguagens, dialetos juvenis, expressões corporais, estética, musicalidade, religiosidades.

As ações previstas no projeto visam também difundir o que está explícito na Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB, modificada por duas leis, uma de 2003 e outra de 2008 e que versam sobre o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena:

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena. (Redação dada pela Lei nº 11.645, de 2008).

§ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população

brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil. (Redação dada pela Lei nº 11.645, de 2008).

§ 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras (Redação dada pela Lei nº 11.645, de 2008). (BRASIL, LEI 9.394/96)

Nossa contribuição em nível local dá-se com a primeira ação sistematizada do projeto escolar pensada para a sensibilização dos mediadores da aprendizagem, uma formação com todos os docentes da EEEP Creusa do Carmo sobre Africanidades. A proposta contemplou conceitos, práticas e dinâmicas com temas que foram cruciais para a execução do projeto e, acima de tudo, necessárias para a melhor compreensão da dinâmica juvenil negra em nossa escola.

A segunda ação do projeto foi executada a partir do estudo e da reflexão sobre temas ligados as relações étnico-raciais e africanidades nas aulas de Sociologia, História, Geografia e Filosofia. Neste processo, a Sociologia contribuiu especialmente a partir das análises de Lélia Gonzales em duas produções necessárias a formação étnico-racial das e dos estudantes e que foram estudadas nas aulas de Sociologia a partir de rodas de conversa: Racismo e Sexismo na cultura brasileira e A categoria político-cultural de Amefricanidade.

Enquanto professora vivencio situações, inclusive nas escolas, de tentativa de invisibilização de nossas experiências enquanto mulheres negras. Nas aulas de Sociologia planejadas como ação do projeto interdisciplinar constatei situações vivenciadas pelas estudantes negras que bem refletem o sexismo e racismo descrito por Gonzalez (1984): ao passo que estas estudantes buscam participar politicamente do contexto são ridicularizadas como menos competentes, o que é descrito por Gonzalez (1982) como parte desta tripla discriminação histórica e socialmente produzida. A autora afirma: Ora, na medida em que existe uma divisão racial e sexual do trabalho,

não é difícil concluir sobre o processo de tríplice discriminação sofrida pela mulher negra (enquanto raça, classe e sexo), assim como seu lugar na força de trabalho. (GONZÁLES, 1982, pág. 96)

As jovens estudantes também relataram situações em que percebem a hiperssexualização das mulheres negras em seus cotidianos bem como o fenômeno de naturalização da mulher negra como empregada doméstica. Neste sentido as ações posteriores foram planejadas para visibilizar as contradições do mito da democracia racial e evidenciar as potencialidades e experiências das juventudes negras, em especial, das jovens mulheres negras, algo também exposto por Gonzalez ao relatar as estratégias de resistência das mulheres negras como também dos homens negros no Brasil.

Como ação interdisciplinar neste inicial momento contamos com diálogos com a Literatura, História, Arte em aulas onde os estudantes puderam conhecer a obra Quarto de Despejo de Carolina Maria de Jesus, livro este em que Jesus apresenta olhar aguçado e efetivo sobre as desigualdades raciais do nosso país, contando com a presença da oralidade, da afirmação da ancestralidade e da memória consideradas valores civilizatórios afro-brasileiros. Dialogando com o Cinema os estudantes puderam analisar o filme Estrelas Além do Tempo, filme que narra a história fascinante das pesquisadoras “Katharine Johnson (Taraji P. Henson), que fez os cálculos de reentrada da cápsula espacial, Dorothy Vaughan (Octavia Spencer), uma das únicas supervisoras negras da agência espacial americana, e Mary Jackson (Janelle Monáe), a primeira engenheira negra da NASA.

O projeto contou, a partir do quarto bimestre, com oficinas que resgataram e valorizaram a estética negra a partir da oficina de turbantes, oficina de capoeira, oficina de Slam⁸ ministrada por poetas da própria escola, oficina de percussão com a participação de integrantes de maracatus fortalezenses, oficina sobre cultura afro ministrada por uma estudante da UNILAB⁹ e guineense e oficina

8 Slam (ou *Poetry Slams*) são batalhas de poesia falada que surgiram nos anos 1980 nos Estados Unidos. Muitos chamam de “esporte da poesia falada”. O movimento é hoje um forte aliado das causas sociais, um grande propulsor de visibilidade para as pautas negras, indígenas, LGBTQI+, feministas, pessoas com deficiência etc. (XAVIER, 2019).

9 Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.

de desenhos ministrada por uma desenhista focada nas mulheres negras.

A partir do contato inicial com as africanidades traçamos dimensões para serem pesquisadas e apresentadas pelos estudantes na culminância do projeto. Cada professor da Escola foi orientador de uma dimensão pesquisada.

As dimensões são: apresentação cultural, moda africana e afro-brasileira, gastronomia africana e afro-brasileira, desenho, elaboração de paródias sobre temáticas africanas e afro-brasileiras, estudo das contribuições das comunidades negras nas diversas ciências, análise de gráficos, estatísticas e estudos quantitativos sobre as culturas negras, apresentações culturais ligadas aos temas.

Partindo destes recortes pudemos construir elos necessários à interdisciplinaridade. Os subtemas que orientaram as produções são: Estudo do Racismo à brasileira e combate (1º anos), Valores Civilizatórios Afro-brasileiros (2º anos) Contribuições dos negros para a construção do Brasil (3º anos). Além disto, em outra ação do projeto nomeamos cada turma da escola homenageando personalidades negras. Dentre as personalidades homenageadas tivemos: Carolina Maria de Jesus, Marta Vieira da Silva, Conceição Evaristo, Mano Brown, Dandara dos Palmares e Marielle Franco entre outras.

Em Novembro, na Semana da Consciência Negra, tais personalidades foram representadas por estudantes, dando início a culminância do Projeto Interdisciplinar Africanidades, momentos em que as pesquisas foram apresentadas nas respectivas salas de aula e também no pátio da Escola¹⁰. “É papelão em todo canto da sala”, “Eles não querem saber das outras aulas”, “Não estão nem aí para as avaliações” “Poderia estar estudando coisas do curso”: tais frases retratam a resistência de alguns professores, coordenação escolar e alguns estudantes à culminância do Projeto Africanidades.

A Culminância do projeto foi realizada em Novembro, na semana do Dia da Consciência Negra no Brasil. Os trabalhos foram prestigiados e avaliados por comissão composta por ex-professores da Escola, professores de outras escolas bem como por integrantes

¹⁰Registros dos momentos no instagram do Projeto: <https://www.instagram.com/africanidades7/?hl=pt-br>

da equipe ERER–SEDUC (Equipe de Educação Escolar Quilombola e para as Relações Étnico–Raciais – Coordenadoria da Diversidade).

Encontramos dificuldades na execução do projeto visto que ações relacionadas à área de Ciências Humanas não são encaradas como prioritárias no campo específico. O discurso de profissionalização e rigor na organização dos horários da escola foram utilizados pela gestão e alguns professores na tentativa de desqualificação do projeto. Tentativa esta invalidada pelo engajamento da maior parte dos estudantes à proposta avaliando-a satisfatoriamente¹¹.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Temos elementos que inscrevem o projeto interdisciplinar como metodologia ativa a partir de Berbel (2011, pág. 29) para quem: As Metodologias Ativas baseiam-se em formas de desenvolver o processo de aprender, utilizando experiências reais ou simuladas, visando às condições de solucionar, com sucesso, desafios advindos das atividades essenciais da prática social, em diferentes contextos. Ao valorizar as metodologias ativas Gonçalves e Torres salientam que:

“Como nos lembra Freire (2003), a transformação não é só uma questão de métodos e técnicas. Se a educação libertadora fosse somente isso, então a finalidade real seria apenas mudar algumas metodologias tradicionais por outras mais avançadas. “A questão é o estabelecimento de uma relação diferente com o conhecimento e com a sociedade [...] a crítica na sala de aula libertadora vai além do subsistema da educação e se torna crítica na sala da sociedade”. Portanto, a sociologia deve estar atenta à seu papel, e seu ensino a partir de métodos ativos é o primeiro passo para a transformação. (GONÇALVES; TORRES s.a., s.d.)

Para além de ação pontual, planejar e executar um projeto interdisciplinar nesta temática oportunizará aos professores de Sociologia e a Academia traçarem novas maneiras de incentivar a

11 Avaliação do Projeto a partir de questionário e rodas de conversa.

autonomia estudantil e a valorização das africanidades juvenis a partir da importância dada as sugestões e problemáticas elencadas pelos estudantes. A contemplação destas necessidades se dá não apenas nas aulas expositivo-dialogadas, mas também a partir de experiências plurais como oficinas, pesquisas e apresentações.

É necessário também aprender a lidar com os conflitos que não serão poucos já que os pensamentos e práticas coloniais são em geral naturalizadas em diversas escolas, tornando-as campos minados. Temos muitos desafios a nível nacional visto que há um discurso institucional contrário as Ciências Humanas e o aflorar destas ideologias se percebe diariamente na escola em que desenvolvi o projeto e na escola em que trabalho atualmente e onde pretendo realizar o projeto. Desta forma a metodologia ativa utilizada prevê práticas sensibilizadoras para os diversos atores do contexto.

A experiência será adaptada à nova realidade de ensino remoto. Desafio este que deve ser analisado atentamente em posterior produção.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. Feminismos Plurais. Coleção Feminismos Plurais. São Paulo. Polén. 2019

BERBEL, Neusi Aparecida Navas. **As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes**. In: Semina: Ciências Sociais e Humanas, Londrina, v.32, n. 1, p. 25-40, jan-jun. 2011.

BERTH, Joice. **Empoderamento**. Coleção Feminismos Plurais. São Paulo. Polén. 2019.

BRASIL. Lei nº 9.394. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, de 20 de dezembro de 1996. Presidência da República. Brasília, DF.

_____. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio: Ciências Humanas e suas tecnologias**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.

_____. Conselho Nacional de Educação/Conselho Pleno. **Resolução CNE/CP nº. 01/2004.** Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. In: Brasil. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013a.

DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo. Juventude e Ensino Médio: quem é este aluno que chega à escola? In: DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla L. (orgs.).

Juventude e Ensino Médio: sujeitos e currículos em diálogo. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

ETAYO, Elizabeth Gómez. **Lidando com a afetação: entre o método etnográfico, as narrativas de trajetórias masculinas e o método autobiográfico.** antropol.sociol. No. 12, 2010, págs. 275 – 310.

FAZENDA, Arantes Ivani Catarina; VARELLA, Ana Maria Ramos Sanchez; ALMEIDA, Telma Teixeira de Oliveira. **Interdisciplinaridade: tempos, espaços, proposições.** Revista e-Curriculum, vol. 11, núm. 3, 2013.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão.** Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GONZALEZ, Lélia. A mulher negra na sociedade brasileira. In: LUZ, Madel (Org.) **O lugar da mulher: estudos sobre a condição feminina na sociedade atual.** Rio de Janeiro: Graal, 1982.

_____, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira.** Revista Ciências Sociais Hoje. Anpocs. p.223-244. 1984.

_____, Lélia. **A categoria político-cultural de amefricanidade.** Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, n.º 92/93.(jan.jun.), p. 69-82.1988

hooks, Bell. **Ensinando a Transgredir: A educação como prática da liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

JOHNSON, Allan G. **Dicionário de Sociologia: guia prático da linguagem sociológica**. Zahar. Rio de Janeiro. 1997.

MUNANGA, Kabengele (Org.) **Superando o racismo na escola** . 2ª edição revisada. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

_____, Kabengele. **O Universo Cultural Africano**. Revista Fundação João Pinheiro, 14 (1-10). Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, julho a outubro de 1984a.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**. 10 ed. São Paulo: HUCITEC, 2007.

SANTOS, Sílvia Maria Vieira. **Africanidades e Juventudes: Tecendo confetos numa pesquisa sociopoética**. Repositório UFC. 2011.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. **Aprendizagem e Ensino das Africanidades Brasileiras**. In: Munanga, Kabengele. **Superando o Racismo na escola** . Brasília, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

TORRES, Ana Carolina Silva; GONÇALVES, Danyelle Nilin. **Metodologias ativas no ensino de sociologia: por uma aprendizagem significativa**. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV127_MD1_SA_17_ID11175_14082019225835.pdf. Acesso em: 01 de Junho de 2021.

XAVIER, Igor Gomes. **O que é Slam? Poesia, educação e protesto**. Disponível em: <https://www.profseducacao.com.br/2019/11/12/o-que-e-slam-poesia-educacao-e-protesto/>. Acesso em: 01 de Junho de 2021.